

# PERCEPÇÕES E ATITUDES DE PROFESSORES FRENTE ÀS TDIC NO COTIDIANO E NA AÇÃO DOCENTE: ESTUDO DE CASO COM PROFESSORES CURSISTAS DE FORMAÇÃO A DISTÂNCIA NO BRASIL

Elaine Jesus Alves, Universidade Federal do Tocantins, [elainealves@uft.edu.br](mailto:elainealves@uft.edu.br)  
Bento Duarte da Silva, Universidade do Minho, [bento@ie.uminho.pt](mailto:bento@ie.uminho.pt)

## Resumo

Este trabalho tem como objetivo aprofundar as questões discutidas no artigo *Literacia digital de professores: um estudo de caso em curso de licenciatura a distância no Tocantins, Brasil* (Alves & Silva, 2015). Ambos trabalhos apresentam dados da pesquisa de doutoramento em educação intitulada *Formação de professores, Literacia Mediática e Inclusão Sociodigital: estudo de caso em curso a distância na Universidade Federal do Tocantins em processo de conclusão na Universidade do Minho*. Esta pesquisa, cujos participantes são professores da rede pública que são cursistas de uma formação a distância, teve o objetivo investigar se o fato destes professores estudarem na modalidade a distância contribuiu para o desenvolvimento da literacia digital na sua vida social, práticas cotidianas e na sua prática docente. No presente artigo apresentamos a análise e discussão dos dados levantados nas entrevistas com os participantes. As entrevistas proporcionaram um aprofundamento sobre a percepção que os participantes têm da presença das tecnologias na vida cotidiana e na prática pedagógica. Os resultados indicam uma tendência para o uso das tecnologias de forma elementar e instrumental no dia-dia dos participantes. Quanto a presença dos dispositivos móveis com Internet nas mãos dos alunos em sala de aula, constatou-se que uma resistência dos professores e que estes tiram pouco proveito do potencial das TDIC na prática pedagógica. O estudo aponta a formação voltada para a literacia digital como uma necessidade urgente na preparação dos professores para lidar com a crescente presença das tecnologias na vida social e profissional.

## Palavras-chave

*Formação de Professores, Educação a Distância, Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, literacia digital, percepções e atitudes face a TDIC*

## Abstract

This paper aims to deepen the issues discussed in the article *Digital Literacy of Teachers: an ongoing case study of distance education in Tocantins, Brazil* (Alves & Silva, 2015). Both papers present data from the PhD research in education entitled

Teacher Training, Media Literacy and Sociodigital Inclusion: a case study underway at a distance at the Federal University of Tocantins, in the process of completion at the University of Minho. This research, whose participants are public school teachers who are distance learning students, had the objective of investigating whether the fact that these teachers study in the distance modality contributed to the development of digital literacy in their social life, daily practices and in their practice. In the present article we present the analysis and discussion of the data collected in the interviews with the participants. The interviews provided a deepening of participants' perception of the presence of technologies in everyday life and pedagogical practice. The results indicate a tendency for the use of the technologies of elementary and instrumental form in the day-day of the participants. As for the presence of mobile devices with Internet in the hands of students in the classroom, it was found that resistance of teachers and that they take little advantage of the potential of the TDIC in pedagogical practice. The study points to training in digital literacy as an urgent need to prepare teachers to deal with the growing presence of technologies in social and professional life.

### **Keywords**

*Teacher Training, Distance Education, Digital Information and Communication Technologies, digital literacy, perceptions and attitudes towards ICT*

## **Introdução**

Este texto é fruto da pesquisa bibliográfica da pesquisa de doutoramento em educação intitulada Formação de professores, Literacia Digital e Inclusão Sociodigital: Estudo de caso em curso a distância da Universidade Federal do Tocantins. O objetivo principal desta pesquisa consistiu em investigar as possíveis mudanças que um curso de formação a distância para professores da rede pública pode causar na inclusão sociodigital e literacia digital/mediática dos participantes no que diz respeito às suas práticas cotidianas e pedagógicas. Trata-se de um estudo de caso realizado com professores que são cursistas de licenciatura a distância em Física numa universidade pública. O total de frequentes do referido curso era de 32 alunos, destes 25 responderam aos questionários online enviados pela pesquisadora por email. Os questionários tinham o objetivo de levantar o perfil socioeconômico, social e acadêmico dos professores cursistas e também de uso das

tecnologias no cotidiano e práticas docentes, sendo esta a primeira etapa da pesquisa de campo (Alves & Silva, 2015)A segunda etapa da pesquisa de campo consistia em entrevistas com uma amostra dos cursistas que responderam os questionários com o objetivo de aprofundar a compreensão sobre as percepções e atitudes dos mesmos no tocante à presença e uso das tecnologias no cotidiano e ação docente. Os seis participantes das entrevistas foram selecionados dentre os 25 alunos que responderam ao questionário online conforme os seguintes critérios: cursistas de ambos os sexos; ingressantes em 2010 e 2012; atuantes e não atuantes em sala de aula; residentes na capital do estado do Tocantins e os que morassem no interior. Assim, temos o seguinte perfil dos entrevistados:

- Entrevistado 1 (E1): Professor da rede pública, licenciado em História, ingressante em 2010, residente em Palmas, Tocantins;
- Entrevistado 2 (E2): Não atua em sala de aula, primeira graduação, ingressante em 2012, residente em Palmas.
- Entrevistado 3 (E3): Professor de atualidade em escola privada( cursinho pré-vestibular), formado em Recursos Humanos, ingressante em 2010, residente em Gurupi, Tocantins.
- Entrevistado 4 (E4): Professor de ensino religioso na rede pública de ensino, primeira graduação, ingressante em 2012, residente em Cariri do Tocantins.
- Entrevistada 5 (E5): Professora de matemática na rede pública de ensino, formada em Ciências Contábeis, ingressante em 2010, moradora em Gurupi.
- Entrevistada 6 (E6): Professora de matemática em rede pública de ensino, licenciada em Matemática, ingressante em 2010, residente em Alvorada do Tocantins.

Considerando que a pesquisa avançou e encontra-se em fase final com os dados coletados nas entrevistas já analisados, este trabalho pretende aprofundar a análise desta temática, agora com base nas percepções dos participantes em relação às

tecnologias no cotidiano e na prática pedagógica preendidas nas expressões dos mesmos nas entrevistas.

O texto está organizado em duas seções. A primeira apresenta a metodologia usada para análise das entrevistas da pesquisa bem como as categorias de análise temática que nortearam o estudo. A segunda apresenta os resultados focalizados em cinco categorias do estudo.

## **Metodologia**

O tratamento dos dados das entrevistas foi realizado com uso da técnica de análise de conteúdo. Segundo Bardin (1977, p. 42) a análise de conteúdo constitui:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Neste sentido, dentro do enfoque qualitativo, a análise de conteúdo constitui uma técnica apropriada para investigar posturas, percepções, atitudes, motivações presentes no discurso dos sujeitos dentro do contexto que estes se inserem com fins de compreender as suas representações, associação de ideias, contradições e interesses. Bardin explica ainda que a categorização pode ser realizada por dois processos: fornece-se um sistema de categorias e os elementos vão sendo inseridos neles à medida que são encontrados, como se fossem caixas que organizam por critérios previamente selecionados; no outro processo não se fornece o sistema de categorias e o procedimento é fornecido por “milhas” (o analista identifica a categoria percorrendo a milha em que consiste o *corpus* da pesquisa). Bardin conclui: “Não se trata de atravessar significantes para atingir significados, [...] mas atingir através de significantes ou de significados (manipulados), outros significados de natureza psicológica, sociológica, política, histórica, etc (Bardin, 1977, p. 41)”. Na pesquisa em questão, utilizamos o primeiro sistema, em que as categorias de

análise foram criadas de antemão e as informações encontradas no *corpus* da pesquisa foram classificados segundo temas comuns.

Assim, a análise categorial temática foi escolhida como técnica para tratamento dos dados desta pesquisa. Minayo (1998) afirma que a análise categorial temática deve ser realizada por etapas, por intervenções de desmembramento do texto em unidades e em categorias com objetivo de fazer um reagrupamento analítico posterior. Portanto, esta se efetiva em dois momentos: o isolamento dos elementos e a classificação ou organização das mensagens a partir dos elementos divididos. Segundo a autora, esta técnica visa "descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado", empregando-a de forma mais interpretativa, não somente realizando inferências estatística.

A partir da compreensão da técnica de análise de conteúdos, a etapa de pré-análise foi iniciada com a retomada dos objetivos da pesquisa. Considerando que o objetivo da pesquisa é investigar se o fato de estudar em um curso a distância contribuiu para o desenvolvimento da literacia digital dos estudantes, em particular devido ao fato de serem professores em processo de formação, as entrevistas semiestruturadas permitiram aprofundar as questões já levantadas sobre o perfil dos participantes através dos questionários. As questões da entrevista indagaram subjetivamente se a formação mediada por tecnologias cooperou para a inserção deste formando na sociedade em rede, o incluindo digitalmente e tornando-o hábil para usar as tecnologias criticamente no seu cotidiano e na sua prática docente. Assim, a entrevista foi estruturada com o objetivo de captar as expressões dos participantes, bem como suas perspectivas e anseios em relação ao curso de Física a distância da UFT. Não sendo possível neste texto abordar todas as categorias do estudo (treze no total), vamos focar-nos em cinco, que tratam especificamente da questão das percepções dos professores diante da presença das tecnologias digitais comunicação e informação (TDIC) no cotidiano e na prática docente e as dificuldades e os desafios enfrentados neste âmbito:

- C1 Percepção sobre as tecnologias no cotidiano
- C2 Dificuldades com manuseios das tecnologias
- C3 Mudanças em relação às tecnologias depois do curso a distância
- C4 Percepção da presença das tecnologias na escola
- C5 Dificuldades e desafios da tecnologia na prática docente

Mantendo o sigilo da identificação dos participantes, os trechos dos relatos do mesmos são apresentados neste texto pela inicial E e o número correspondente dos entrevistados (E1, E2, E3, E4, E5 e E6).

### **Percepção dos participantes em relação às tecnologias no cotidiano**

Contemplando a categoria C1, no levantamento do perfil dos participantes no que diz respeito ao uso das tecnologias no cotidiano, os questionários apontaram que os participantes da pesquisa utilizam a tecnologia no seu dia-dia, possuem dispositivos conectados à Internet, porém, utilizam os mesmos de forma instrumental e elementar. Assim, verifica-se um nível mediano de literacia digital dos participantes no que diz respeito à produção e compartilhamento de conteúdo (Alves & Silva, 2015).

As entrevistas sondaram mais aprofundamente essa constatação quando se deu voz aos participantes sobre que tecnologias usam no seu dia-dia e quais as suas percepções sobre estas:

Eu já não gosto de tecnologia, ainda preciso me adaptar a isso, não gosto de ficar em computador cinco, seis horas durante o dia [...] você tem que usar a tecnologia constantemente, todo dia tem que ter acesso ao computador, tem que ler duas, três horas. [...] Vou deixar de ler um livro e ficar em frente de um computador, então é complicado (E1).

Não eu não tenho blog nem rede social, só whatsapp e participo dos fóruns do portal (E2).

Porque assim eu sempre fui atualizado, mas não era frequente, a gente quase não usava, antigamente era o Orkut, entrava lá, via o que tinha e saía. Agora não, você tem que olhar o e-mail da faculdade, tem que ver o e-mail pessoal, que é sobre os trabalhos (E4).

Nota-se nas expressões dos participantes a necessidade de adaptação para o uso das tecnologias depois que ingressaram na graduação na modalidade a distância.

O participante E1 expressou sua dificuldade em relação a se adaptar da leitura do livro impresso para as telas do computador. Santaella (2004) descreve o leitor que prefere os livros impressos como “contemplativo ou meditativo”. Em suas palavras:

O perfil cognitivo do leitor do livro que pretendo aqui delinear, toma como paradigmática a prática que se tornou dominante a partir do século XVI, ou seja, a leitura individual, solitária, de foro privado, silenciosa e individualmente: leitura laicizada em que as ocasiões de ler foram cada vez mais se emancipando das celebrações religiosas, eclesiásticas ou familiares. (p. 23)

Neste sentido, este perfil de leitor, acostumado ao contato solitário com as letras de um livro resiste aos “ruídos” da hibridação de tecnologias e linguagens presentes nos dispositivos digitais conectados à Internet. A autora conclui que usuários de hipermídia utilizam habilidades diferentes daqueles que leem um texto impresso. Assim, compreende-se a dificuldade que o participante E1 manifestou em relação a se adaptar da leitura do livro impresso para as telas do computador.

Portanto, pode-se afirmar que antes da formação a distância, os participantes seriam considerados “visitantes” do espaço virtual se usarmos a analogia de White e Cornu (2011) que classificam os usuários das TDIC em função do perfil de utilização das ferramentas e das formas de acesso no espaço virtual. Nessa classificação os usuários da Internet são enquadrados como “visitantes” ou “residentes”. O visitante utiliza a Internet para resolver questões práticas e se desconectam evitando deixar uma identidade digital. Não são utilizadores intensivos das aplicações da Internet, nem participam de redes sociais porque não sentem necessidade de pertencer a este espaço. Para os autores eles apenas utilizam as ferramentas que lhe são úteis durante o tempo e espaço necessário e “saem” da Internet como se fossem apenas visitantes deste espaço. O participante E4 expressa bem esse perfil de visitante, ao dizer que entrava na rede social Orkut e “via o que tinha e saía”, percebe-se que não se tratava de um utilizador frequente das TDIC, mas que depois do ingresso na formação a distância, precisou acessar mais seu email pessoal devido os trabalhos do curso.

Outra constatação importante na pesquisa constitui o fato de que os participantes embora tenham acesso as tecnologias digitais no seu dia-dia, são meros consumidores destas e em geral não produzem conteúdo ou compartilham conhecimento nas redes. Trata-se do caso do participante E2, que afirma não publicar na Internet em redes sociais ou blog, mas confirma que participa dos fóruns do curso de Física. Este se trata de um dado relevante, haja vista que uma das dificuldades apontadas por outros participantes do curso é a interatividade entre os alunos e tutores na plataforma. O participante E5 relatou que *“a dificuldade mesmo foi da interatividade com o grupo, não da ferramenta”*. Portanto, trata-se de uma questão de *“apropriação”* dos recursos tecnológicos da parte do professor, uma mudança de postura que perpassa pelo seu contexto social, cultural, socioeconômico e acadêmico que pode ou não ser afetado quando este passa por uma formação online.

### **Dificuldades dos participantes no manuseio das tecnologias**

Com respeito a C2, quando esquadrihados sobre as dificuldades que confrontaram no manuseio das tecnologias, a maior parte dos entrevistados afirmou que em geral não tiveram dificuldades. Porém, em alguns fragmentos das entrevistas, encontramos certas expressões que demonstram algum nível de dificuldade em lidar com a tecnologia.

A minha dificuldade maior era essa, quando eu fazia faculdade normal, sem ser a distância, nós usávamos o computador só para trabalho, a gente ficava muito tempo vendo vídeo e fazendo pesquisa, mas não era assim, Internet (E1).

O participante E1, na entrevista demonstra recorrentemente uma resistência com relação ao computador, em especial no que respeita a navegação na Internet. Seu histórico acadêmico justifica este comportamento: licenciado em História, fez sua primeira graduação na modalidade presencial num período em que a Internet não era tão presente no cotidiano das pessoas como nos dias atuais. Num trecho da entrevista ele relata como era o estudo presencial: *“já tinha Internet, mas não*

*dedicava tanto, porque era difícil ter uma literatura toda pronta, então ficava mais nos livros mesmo. E como eu vim pra física e era uma modalidade diferente, então eu tive esta grande dificuldade de adaptação*". Este participante é o mesmo que descrevemos anteriormente neste artigo com o perfil de leitor contemplativo ou meditativo que diante do contato com as mídias digitais precisou se amoldar aos novos contornos que estas proporcionaram aos leitores e estudantes.

Outra questão fundamental na entrevista foi sobre as mudanças (C3) sentidas pelos participantes em relação às tecnologias depois que ingressaram num curso de graduação a distância. Na análise desta categoria, o participante E1 relata um avanço: *"Já gosto de ler texto através do computador, não gosto muito de ver vídeo"*. Nota-se que ainda há necessidade de avanços para este perfil de leitor que agora é usuário das redes de Internet. Com a introdução das TDIC, este perfil de leitor teve que se adaptar às imagens, sons, ruídos e falas proporcionadas nos meios de comunicação em massa como a TV, o rádio e o cinema

O participante E4 considera que houve uma mudança radical de postura no que diz respeito a cultura de frequência na navegação na Internet: *"acho que melhorou uns 100%, porque assim eu sempre fui atualizado, mas não era frequente, a gente quase não usava"*. Também a participante E5 afirma que houve mudanças evidentes na rotina dela e dos colegas a partir do uso das tecnologias demandadas pelo curso:

Mudou. Nós passamos a nos comunicar muito por e-mails, passou a se comunicar por redes sociais [...] Sim, acrescentou muito depois que iniciei o curso de física. O curso de física me trouxe um amadurecimento tão grande que eu passei a gostar demais das tecnologias [...] E eu passei a usar muito mais a tecnologia, de forma mais valiosa, porque eu já usava.

Na fala da participante E5 podemos identificar três mudanças ocorridas depois do ingresso da mesma no curso de Física EaD: aumento da assiduidade da comunicação em redes sociais, amadurecimento quanto ao uso das tecnologias e uso mais frequente das tecnologias em geral.

## **Percepção dos participantes no tocante à presença das tecnologias na escola**

Com o intuito de compreender como os entrevistados reagem à presença das tecnologias na sala de aula (C4), indagamos dos mesmos como as percebem no seu cotidiano na escola. Dos depoimentos percebe-se uma apreensão dos professores devido à dispersão que os dispositivos causam nos alunos:

Ai o aluno dos 6<sup>o</sup>, 7<sup>o</sup> ou 8<sup>o</sup> então eles estão assim descobrindo tudo, então para eles quanto mais eles andarem, melhor, eles não podem parar, e como você vai dar uma aula assim, sem parar um momento, da uma direção (E1).

Eu não ligo se o aluno vai pegar o celular para olhar a hora, se o aluno tira foto do quadro, eu não ligo, mas me deixa profundamente irritado se o telefone toca e ele quer atender, ou se de repente chega uma mensagem e ele quer ver (E3).

Lá na escola é proibido. Eu acho que não devia. Acho que devia ser aberto, mas sempre com um combinado focado na aula. Se o aluno disser: “deixa eu pesquisar este conteúdo aí”, mas fica no whatsapp conversando com coleguinhas (E4).

Como citado pelo participante E4 em algumas escolas é expressamente proibido uso de celulares mesmo fora da sala de aula. Outras permitem o seu uso limitado para atividades pedagógicas. Uma ajuda para combater a dispersão seria o “combinado” com os alunos sobre o que pode e o que não pode ser realizado com o celular ou *tablet* na sala de aula. A participante E5 explica como faz esse combinado com seus alunos:

Mantenho um acordo com meus alunos: naquele momento da aula, eles vão usar apenas para pesquisar algum assunto da aula, e aquele assunto se eles encontraram algo mais que possam acrescentar, eles tem inteira liberdade para dispor aquele conhecimento para todos da sala.

Para que o combinado dê resultados, a participante E6 lembra que os estudantes precisam ser “focados” e maduros o suficiente para compreender os objetivos do uso dos dispositivos móveis na sala de aula. Neste aspecto, a participante acredita que estudantes do ensino médio ainda não tem esse amadurecimento.

Eu acho que ele passa por uma maturação. Eles estão empolgados demais, endeusados com os celulares, endeusados com as mídias, eles usam o celular como meio de comunicação, não como meio de pesquisa, eles querem o da moda, eles querem o moderno, eles querem acessibilidade de Internet, mas eles não usam para o que é preciso.

Para Prensky (2010, p. 203), os alunos usam o tempo de sala de aula para aprender por conta própria, assim como fazem quando saem da escola: usam a tecnologia para aprenderem sozinho assuntos que lhes interessam. Porém, na sala de aula, a tecnologia tornou para esses alunos a nova “bolinha de papel”. O autor explica:

Os alunos rotineiramente abusam (a partir do ponto de vista dos professores) da tecnologia em aula, usando-a como um professor a descreve como “a nova bolinha de papel”. Isso, também, faz sentido, os alunos têm à sua disposição ferramentas poderosas de aprendizagem as quais sequer têm oportunidade de aprender a usar.

Prensky finaliza afirmando que o papel do professor não é tecnológico, mas intelectual. Assim, o papel do professor constitui em prover orientações e assegurar qualidade e ajuda individualizada, “devem para de palestrar e começar a deixar que os alunos aprendam por si mesmos”. Este se trata de um dos desafios que os professores enfrentam na atualidade em que lidam com a presença dos dispositivos móveis nas mãos dos alunos durante suas aulas.

### **Dificuldades e Desafios do uso das TDIC na prática docente**

As entrevistas contemplaram uma questão sobre as possíveis dificuldades que os participantes que são professores encontram no uso das tecnologias nas suas práticas docente (C5). O participante E1, que se autodenomina “não muito dominador de tecnologias” expressou que sua maior dificuldade é canalizar os objetivos didáticos dentro da rede, ou seja, conseguir direcionar os alunos para usar os aplicativos de forma efetiva dentro dos objetivos previstos.

Quando um aluno abre um site, ele consegue fazer tudo que ele quer, ele viaja o mundo sentado na cadeira escolar, e a gente fica lá refém. Porque quando você chega próximo ele muda de site, então você sabe que não está tendo produtividade.

Nota-se que o participante se sente “refém” do aluno a partir do momento que este abre um site, porque na situação de professor, não tem controle dos sites que o aluno está abrindo. A capacidade de trabalhar a interação na sala de aula com os alunos portando seus *tablets* e/ou celulares é o maior desafio que o participante E3 confessa enfrentar. A participante E6 que leciona para jovens no ensino médio se queixa da falta de compromisso dos alunos no uso dos celulares durante as aulas:

Com uso de tecnologias, mas até certo ponto até porque você esbarra no quesito aluno compromissado, você tem aquela sala cheia inflada com 40, 41 alunos num espaço que cabia 36 [...] E sala de aula lotada, você vai vigiar o celular de todo mundo? Você vai vigiar se estão no whatsapp? Eles ficam batendo papo. Está proibido, eles sabem que está proibido, mas não estou olhando, não estou vigiando. 41 alunos não vou, não tem condições.

Percebe-se neste depoimento a angústia da professora diante da presença dos dispositivos de rede móvel durante as aulas. Nesse sentido, Alves e Pretto (2008, p. 30) explicam que este choque tecnológico reside no fato de que as crianças e jovens vivem num mundo *high tech* (alta tecnologia) e a “escola ainda se mantém com a tecnologia *low tech* (baixa tecnologia), resistindo em atender às novas demandas sociais e cognitivas, e as necessidades desse novo sujeito, em construção”. Os autores acrescentam que as tecnologias chegam à escola em pacotes prontos através de projetos políticos e pressão do mercado, com pouca ou nenhuma formação crítica do professor para a literacia digital.

Nos depoimentos constatou-se ainda que os professores utilizam as tecnologias para transmitir saberes assim como já o fazem usando o quadro-negro. O participante E1 relata que tenta usar as tecnologias mais tradicionais:

Assim eu tento, eu já tento, mas eu uso é as tecnologias mais tradicionais: Datashow, pego vídeos levo, passo, passo aqueles slides mais tradicionais. Mas coisas modernas mesmo, eu não consigo. Por exemplo, interagir no whatssapp.

Observa-se, portanto, que o participante E1 segue o padrão dos cursistas da amostra que responderam os questionários: tendência a usar as tecnologias básicas que requerem pouco conhecimento técnico e reproduzem atividades e atitudes das quais estão acostumados. O uso dos slides, por exemplo, alguns ao elaborarem

uma apresentação, "lançam" o conteúdo no slide muitas vezes com excesso de tópicos e textos que acarretam efeito contrário, causa uma sobrecarga na capacidade cognitiva do aluno e por sua vez um retrocesso no processo de aprendizagem (Agostinho, Tindall-Ford, & Roodenrys, 2011). O participante E3 afirma que faz uso dos slides há muito tempo, mas percebeu que apenas uso de tópicos e textos entediam os alunos:

Só que eu fui um pouco mais além de usar o Datashow como projetor como muitos professores fazem, já não uso mais tantos textos, uso mais imagens com eles porque fica entediante você só jogar o texto na sala de aula e eu também uso muitas mídias sociais.

Se a tecnologia for usada para reproduzir o que já é feito com o quadro-negro, a transmissão de conteúdos, não cumprirá seus objetivos. Os alunos não mais aceitam de forma passiva a transmissão do conhecimento pelo professor, eles querem se expressar, negociar, discutir opiniões. Esta situação abala os papéis de professor e de aluno desenhados traçados na escola medieval. Neste cenário, Sibilia afirma que as tecnologias não podem ser idealizadas como garantia de excelência escolar, mas sim como "espaços de encontro e diálogo" (Silibia, 2012). O desafio imposto ao professor é saber conduzir esse processo, visto que a sua formação é ainda pautada nos moldes tradicionais de transmissão de conhecimentos.

## **Considerações finais**

Embora este trabalho tenha contemplado apenas um extrato parcial da pesquisa Formação de professores, Literacia Mediática e Inclusão Sociodigital: estudo de caso em curso a distância na Universidade Federal do Tocantins, infere-se dos dados analisados nas entrevistas que os participantes do estudo não eram tão frequentes nas redes da Internet e tiveram que se adaptar ao contato das TDIC depois que ingressaram na formação a distância. Nas entrevistas percebeu-se também que os participantes tiveram um amadurecimento em relação ao uso das tecnologias, visto que seu contato com elas era bem restrito antes da formação.

Sobre a percepção dos participantes no que diz respeito a presença das TDIC na sala de aula de posse dos alunos, apreende-se nos depoimentos dos entrevistados a citada apreensão com a dispersão que os dispositivos móveis conectados à rede causam nos alunos. Portanto, muitos optam por manter o controle da sala proibindo o uso total dos dispositivos em suas aulas. Notou-se também um nível elementar de literacia digital, em que as tecnologias são percebidas como instrumentos para repositório (uso do Moodle), exposição de conteúdos (Datashow) e compartilhamento de atividades (e-mail). Percebe-se a que os professores não estão ainda preparados para lidar com as novas formas de aprender e ensinar que as TDIC proporcionam e não tem sido preparados para esta realidade na formação inicial e continuada.

Neste sentido, o referido estudo apontou a necessidade dos professores, que estão na linha de frente no contato com alunos navegantes da Internet, tenham uma formação inicial e continuada que contemple habilidades de literacia digital para ajudar seus alunos a canalizar, selecionar e analisar criticamente as informações “pescadas” na grande rede da Internet transformando-a em conhecimento.

## Referências

- Agostinho, S. T. F., Tindall-Ford, S., & Roodenrys, K. (2011). Using computer-based tools to self manage cognitive load. In: T. Bastiaens, & M. Ebner, *World Conference on Educational Multimedia, Hypermedia and Telecommunications 2011*, pp. 3.374-3378.
- Alves, E. J., & Silva, B. D. (2015). Literacia digital de professores: um estudo de caso em curso de licenciatura a distância no Tocantins, Brasil. *Actas do Challenges 2015: Meio Século de TIC na Educação, Half a Century of ICT in Education*. Braga: Uminho, pp. 1068-1065.
- Alves, L. R., & Pretto, N. (2008). Escola: um espaço de aprendizagem sem prazer. 6, 29-35. *Comunicação & Educação*, 6, 29-36.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Prensky, M. (maio/ago. de 2010). O papel da tecnologia no ensino e na sala de aula. *Conjectura*, 15, pp. 201-204.

- Minayo, M. C. (1998). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec-Abrasco.
- Santaella, L. (2004). *Navegar no Ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulos.
- Silibia, P. (2012). *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- White, D. S., & Cornu, A. (2011). Visitors and Residents: A new typology for online engagement. *Perr Reviewed Journal on the Internet*, 16(9). Disponível em <http://firstmonday.org/article/view/3171/3049>. Acesso em 12 nov. 2016.